

Estética Gótica no Audiovisual: Um Ensaio Fotográfico a partir de Análises Fílmicas de Representações Góticas em Produções Audiovisuais¹

Kauane de Jesus Santos²

Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XIV

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal estudar a ficção gótica no cinema. Trazendo consigo a representação do gênero adaptado em um contexto geográfico diferente. Buscando a valorização da cultura local Coiteense, mais precisamente do Povoado do Serrote, ao fazer essa junção de causos de terror locais com o horror gótico e transpor as formas de linguagens, passando do audiovisual para a fotografia.

PALAVRAS-CHAVE

Audiovisual Gótico; Fotografia; Gótico tropical; Horror Gótico; Transposição.

CORPO DO TEXTO

A estética gótica foi escolhida como tema central da minha pesquisa por conter um exagero no uso dos elementos visuais e auditivos que possibilitam causar certos efeitos na sensibilidade dos telespectadores, tornando-se um tópico interessante a ser pesquisado e debatido. Como estudante de audiovisual, entendo a relevância de retratar e discutir acerca de temas que circundam o cenário cinematográfico. Este estudo abordará tais técnicas para entender a importância que as mesmas carregam consigo na produção de uma obra.

A partir disso debater sobre as contribuições do tema para produções audiovisuais e produzir uma releitura a fim de realizar na prática o que será discutido em teoria. Estudar a estética gótica inserida no contexto cinematográfico se faz importante, pois entender um gênero do audiovisual é entender sua linguagem comunicacional, como atinge as pessoas e de que forma isso ocorre. O ensaio fotográfico será realizado visando destacar estes elementos, portando consigo o mesmo conceito e significado da temática, adaptado de uma mídia para outra.

¹Exemplo: Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE14 - Estudos da Comunicação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

²Graduanda em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade do Estado da Bahia, 7º semestre | kauanesantosuneb@gmail.com

Minha pesquisa contempla o estudo das características específicas do gênero gótico no audiovisual. Trabalharei a luz e sombra, as cores e a representação do gótico que Martoni (2011), menciona em seu texto. Trazer para minhas imagens estas ideias e signos presentes nos filmes de ficção gótica e abordar a fotografia como um meio viável de representar e reproduzir conceitos já criados, porém sob uma nova lente e um novo contexto geográfico.

Alex Martoni, em seu artigo “A estética gótica na literatura e no cinema” (2011), explica que: “Para o historiador da arte e da arquitetura, o termo gótico identifica o conjunto de manifestações artísticas produzidas na Europa ocidental no período da baixa Idade Média, sobretudo nos séculos XII e XIII” (Martoni, 2011.p.01). De acordo com o autor, a arquitetura europeia daquela época corroborou para o nascimento de uma nova expressão artística. Martoni menciona também alguns outros escritores que faziam uso do gênero antes mesmo de ser nomeado como tal: “Na literatura, essa retomada tem início no campo da poesia, com as paisagens assombradas de Ossian, as visões caóticas de William Blake e o sinistro demonismo de Coleridge” (Martoni, 2011. p.02). Contudo, foi em 1764, com a publicação de Horace Walpole, “O castelo de Otranto”, que o termo gótico de fato veio a ser considerado um gênero.

Parafraseando Martoni (2011), os conceitos que levam a estética gótica ser o que é, talvez, não estejam intrinsecamente ligados à estrutura em si da obra, mas aos signos. O uso da linguagem que são feitos propositalmente no intuito de provocar efeitos na sensibilidade de quem está consumindo aquela produção. Para conseguir gerar certos sentimentos dos telespectadores é necessário entender como o ser humano reage a determinadas situações e replicá-las no audiovisual, usando justamente de elementos visuais e sonoros que possibilitam essa experiência. Uma forma de trazer essas reações é entender a psicologia das cores, luz e sombra e os efeitos que cada um causa quando manipulados corretamente. “Desse modo, o emprego da luz e da sombra no cinema tem uma função plástica fundamental: a construção da forma, da cor, do espaço, do movimento e do volume” (Martoni, 2011. p.05). Em seu texto, Martoni (2011) contextualiza uma cena do filme “Nosferatu” (1922) para exemplificar melhor a função da luz e sombra nas produções e os efeitos que eles geram. O protagonista, Jonathan Harker, acorda com a presença do Conde Drácula, e nessa sequência, para mostrar sua

aproximação há uma luz no rosto do Jonathan que logo é eclipsado por uma sombra, a do vampiro. “Aqui, evidencia-se que, nos filmes de horror, a sombra pode ser utilizada como um recurso para inquietar o espectador, provocar-lhe medo, provocar tensão e suspense”. (Martoni, 2011. p.06).

Entendendo que os signos visuais são em partes responsáveis pela maneira como uma obra será retratada, vista e até mesmo sentida e partindo do pressuposto que a fotografia é uma junção de elementos também visuais que capta, representa e pode ser usada para expressar o outro e a si, fazer a junção e abordar a estética cinematográfica em um ensaio se faz importante para pôr em prática alguns dos meus questionamentos sobre o “ser gótico”. A partir disso analisar e entender a forma como o gótico se faz presente no cinema e o sentimento esperado ao representar tais características em quem está consumindo e só então reproduzi-las em um ensaio, visando o mesmo resultado sensitivo nas pessoas.

A fotografia assim como no audiovisual possui um certo poder ao representar e influenciar uma visão sobre algo, para Luiz Pozza (2017) “na fotografia existe inegavelmente a ideia de que o objeto da fotografia existiu e esteve em frente à câmera em um dado momento. Essa característica indicial da fotografia tem especial impacto na representação do corpo” (Pozza, 2017, p.73). A forma como algo será representado pode ser definitiva, o gótico ainda causa uma certa estranheza devido a sua estética marcante, misteriosa e por vezes, horripilante. Isso se dá justamente por conta da subjetividade e a forma como a arte pode ser apreciada e lida como bela, como afirma Pozza “A estética propõe a discussão de valores e suas representações, mas não propõe uma categorização ou metodologia definitiva para criação artística ou para a apreciação do belo”(Pozza, 2017.p.74).

De acordo com Yuri Garcia (2017), Brian McFarlane “considera que um dos principais fatores responsáveis pelo sucesso e durabilidade do cinema é o que o aproxima do livro: sua capacidade narrativa” (Garcia, 2017.p.27). Ao abordar a questão referente às adaptações filmicas, o autor discorre em seu texto “Drácula, o imortal do cinema: uma arqueologia das encarnações do famoso vampiro no audiovisual” (2017) como é esperado uma fidelidade ao produto original e o conceito de transposição, para ele

transposição seria um termo melhor “por possuir possibilidades semânticas mais interessantes e conseguir traduzir com mais coerência a passagem de um produto de uma mídia a outra” (Garcia, 2017.p .27). Nesse sentido, ao pensar nas passagens das características de um filme para um ensaio fotográfico, usarei do conceito de transposição trabalhado por Garcia. “Podemos perceber então que a transposição está relacionada a uma lógica de remodelação de elementos de uma mídia à outra e que não é exclusiva da indústria cinematográfica” (Garcia, 2017, p. 27).

A estética da ficção gótica possui grande influência da cultura eurocêntrica por ser um gênero que justamente iniciou na Europa Ocidental. Como Lopes (2020) observa que “imaginar narrativas góticas à parte dos grandes castelos medievais ingleses ou mesmo longe de bosques escuros e frios localizados no hemisfério norte é uma atividade, à primeira vista, um pouco difícil” (Lopes, 2020. p.361). Essa estética pode sofrer alterações se contextualizada em um país cultural e tropicalmente diferente, como um clássico do cinema brasileiro, “O estranho mundo de Zé do caixão” (1968), personagem bastante importante para o cinema nacional. É pensando nisso que irei trabalhar o conceito de “gótico tropicalizado” que Anderson Lopes da Silva (2020) aborda em seu texto e trazer a obra de José Mujica Marins, além de outras produções que se enquadram no gênero e que podem ser inseridas nessa discussão do gótico tropicalizado.

Em resumo, a oralidade é um meio comunicacional que perpassa gerações, ela resgata e mantém viva a tradição e cultura de um povo. Geralmente usada pelos mais velhos para contar histórias. Lembro-me, quando mais nova, de sentar-me ao lado de primos e amigos ao redor de minha tia-avó para escutá-las. De todas elas, a que mais me marcou foi a de Izabel de Leite. Uma mulher vivia sozinha com sua cachorra, ela costumava cantarolar quando um senhor passava: “passe cá seu moço, passe cá seu moço” e em seguida ele a respondia: “só de noite sinhá” e sua cachorra, em uma tentativa de ajudar a dona, dizia: “Izabel de Leite é um bicho feroz que vem te comer”. A mulher ignorava a cachorra, queria que o moço passasse em sua casa, mas para que isso acontecesse o senhor exigia que a senhora matasse sua cachorra. A mulher então sujeitou a sua cachorra a situações inimagináveis na tentativa de finalmente a calar, até que enfim conseguiu. Quando a cachorrinha parou, o homem a visitou e de início ela estranhou sua fisionomia humanoide, começou a questionar as proporções e no final, Izabel de Leite a

come viva. Trabalhar a decolonialidade em temas nascidos e mantidos eurocentrizados é uma forma de valorizar a cultura local que desde nova venho tendo contato, além de quebrar esse preceito de que produções que fogem da cultura europeia e norte-americana são inferiores. Como o horror gótico é um subgênero pelo qual sou apaixonada e desde que comecei aos poucos me tornar produtora cultural e educadora, a ideia de expor cada vez mais a cultura da minha comunidade vem se tornando mais forte. Contemplo a junção desses dois conceitos, não somente como uma forma de criar arte, mas de valorizar raízes que não possuem esse destaque maior.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Júlia Meirelles; AZZOLINO, Adriana Pessate; REAL, Victor Kraide Corte. O universo gótico e o cinema. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., 2010, Vitória. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2010

GARCIA, Yuri. Drácula, o imortal do cinema: uma arqueologia das encarnações do famoso vampiro no audiovisual. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 26-36, jan./abr. 2017. DOI: 10.4013/fem.2017.191.03. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2017.191.03>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MARTONI, Alex. A estética gótica na literatura e no cinema. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <https://www.abralic.org.br>. Acesso em: 1 dez. 2024

MELLO, Evelyn Caroline de. O Brasil em trevas: o estranho mundo de Zé do Caixão. *Todas as Musas*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 161-165, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://todasasmusas.org>. Acesso em: 14 dez. 2024.

SILVA, Anderson Lopes da. *Amorteamento, locus horribilis e a tropicalização do gótico na TV brasileira. E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, v. 23, n. 3, 2020. DOI: 10.29146/eco-pós.v23i3.27525. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br>. Acesso em: 3 dez. 2024.

POZZA, Gustavo Luiz. *A representação ético-estética do corpo na fotografia contemporânea*. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.